



## **Estratagemas de ocultação da realidade e a cibercapitaniahereditária**

Guilherme Gravina Pereira<sup>1</sup>

### **Resumo**

O artigo desvela a concentração das empresas de comunicação midiática e a sua divergência com os governos trabalhistas no Brasil. Buscamos compreender a antinomia entre os proprietários da comunicação de massa e as políticas públicas nacionalistas. A ocultação da realidade e a superconcentração de renda nas mãos de exíguos grupos familiares do espaço cibernético foram estudadas sob o prisma da teoria marxista. O conflito entre os CIEPS (centros integrados de educação pública) de Leonel Brizola e Darcy Ribeiro e o proprietário da Rede Globo de comunicações, Roberto Marinho foi o que nos motivou a escrever este artigo.

**Palavras-chave:** Ideologia, Trabalhismo, Educação.

## **Estratagemas de ocultación de la realidad y la cibercapitaniahereditaria**

El artículo desvela la concentración de las empresas de comunicación mediática y su divergencia con los gobiernos laborales en Brasil. Buscamos comprender la antinomia entre los propietarios de la comunicación masiva y las políticas públicas nacionalistas. La ocultación de la realidad y la superconcentración de ingresos en manos de exiguos grupos familiares del espacio cibernético fueron estudiadas bajo el prisma de la teoría marxista. El conflicto entre los CIEPS (centros integrados de educación pública) de Leonel Brizola y Darcy Ribeiro y el propietario de la Red Globo de comunicaciones, Roberto Marinho fue el que nos motivó a escribir este artículo.

**Palabras clave:** Ideología, Laborismo, Educación.

## **Reality occultation stratagems and the cibercapitaniahereditária**

### **Summary**

The article reveals the concentration of media communication companies and its antagonism with laborites governments in Brazil. We seek to understand the contradiction among the mass media owners and nationalist policies. The concealment of reality and the over-concentration of income in the hands of tight family groups of cyberspace were studied from the perspective of Marxist theory. The conflict between the CIEPS (integrated centers of public education) Leonel Brizola and Darcy Ribeiro and the owner of the network communications Globo, Roberto Marinho was what motivated us to write this article.

**Keywords:** Ideology, Laborism, Education.

<sup>1</sup> Possui graduação em Filosofia pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Mestre em Educação e Políticas Públicas pela UFJF. Atuou como professor da Rede Estadual de Ensino de Minas Gerais.

## Introdução

O que devemos nos perguntar antes de tudo é quais são os interesses que movem a história para, depois, dar as explicações acerca da sociedade brasileira contemporânea. Nosso trabalho retoma a categoria de capitanias hereditárias, estudada pelos historiadores João Pandiá Calógeras (2009) e Nelson Werneck Sodré (1976), com o objetivo de lançar luz na estrutura atual da comunicação midiática dominante e relacioná-la com o regime das classes sociais. Partimos do seguinte pressuposto: as relações econômicas da colônia com a metrópole (sistema de capitanias) são no processo histórico as bases de sustentação material (latifúndio) e o edifício ideológico da sociedade brasileira.

O nosso objetivo é mostrar que a comunicação midiática, ponta de lança do capitalismo industrial brasileiro, reproduz no estágio imperialista do capitalismo a antiga configuração das capitanias hereditárias, as quais deram origem ao latifúndio (sesmarias). Essa analogia histórica, cotejando o século XVI com o século XXI, está ancorada na enorme extensão de terra (latifúndio), concentração de capital e poder nas empresas de comunicação de massa. Em outras palavras, dir-se-ia que o monopólio da terra (a estrutura fundiária) se trasladou para o ciberespaço<sup>2</sup> da comunicação midiática.

Do latifúndio da terra ao latifúndio midiático, eis o que pretendemos estudar. Antes havia somente o monopólio da terra, hoje há também o monopólio da comunicação e, em ambos os processos sociais, encontramos a forte presença da oligarquia. Basta mencionar que somente nove famílias detém a propriedade dos veículos de comunicação de massa no Brasil<sup>3</sup>. Vários autores, dentre eles Darcy Ribeiro, Nelson Werneck Sodré e Caio Prado Júnior, sublinharam que o latifúndio é a instituição básica da civilização brasileira. Tanto o é, que até hoje permanece intocável e inalterado. Nenhum governo conseguiu fazer uma verdadeira reforma

<sup>2</sup>A palavra cibernética vem do grego *Kyberne* (governar), *Kybernáo*. Ela designa: o conjunto das teorias relativas ao tratamento da informação, ou transformação programada de uma comunicação solicitada, ou informação em execução. De maneira que controle e comunicação estiveram envolvidos, desde a origem, em interesses comuns. (Debray, 1993, P. 103).

<sup>3</sup>As famílias que formam os grupos e os conglomerados da comunicação midiática no Brasil são analisadas exaustivamente por dois grandes projetos de estudo da mídia. São eles: *Os donos da Mídia e Observatório da imprensa*, disponíveis para a consulta pública em: [www.donosdamidia.com.br](http://www.donosdamidia.com.br) e [www.observatoriodaimprensa.com.br](http://www.observatoriodaimprensa.com.br). Os projetos revelam que as 54 redes de rádio e televisão são controladas por estes grupos e conglomerados, atingindo mais de 25% dos 9.447 veículos de comunicação. Estas organizações “encabeçam um sistema marcado por cinco condicionantes: tripla concentração econômica (diagonal, vertical e horizontal), controle das redes de distribuição, penetração regional, presença histórica e relações políticas. Ao mesmo tempo, suas empresas atuam simultaneamente em quatro dimensões: econômica, política, histórica e simbólica. Quando reunidas, as duas características configuram um modelo a que se propõe chamar de Sistema Central de Mídia”. (Gorgen, 2009, p. 04)

agrária; quando foi esboçada por João Goulart, por exemplo, este foi derrubado e, posteriormente, instaurou-se a ditadura de 64.

Talvez não fosse descabido afirmar que a oligarquia da *cibercapitania* (associada com as empresa multinacionais) determina o poder do Estado e faz a simbiose da cultura<sup>4</sup> com a educação. Como em qualquer outra latitude, podemos sustentar que a ideologia dominante da sociedade brasileira é a da classe dominante (burguesia local e imperialismo) que propriamente comanda a comunicação midiática. A comunicação de massa é a porta voz preferencial da ideologia dominante da classe social dominante brasileira. O nosso tema deve ser delimitado pelo prisma: refletir como se deu a gestação desse processo classista e midiático na esfera da educação escolar, através do conflito entre a escola pública (Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro e Leonel Brizola) com a *cibercapitaniahereditária* representada por exíguo número de famílias, revelando um sistema político indubitavelmente plutocrático.

O que pretendemos mostrar é que o latifúndio midiático justifica o latifúndio da terra, sendo que, atualmente, o “latifúndio midiático” justifica toda e qualquer forma de hiperconcentração de poder econômico e político. Os grandes proprietários da comunicação de massa são também grandes proprietários de terra. Historicamente, o latifúndio (classe senhorial, donos de engenho, donos da usina) existiu conectado à exportação dos produtos agrícolas, portanto o latifúndio esteve em conformidade com burguesia comercial exportadora e com os interesses colonialistas e imperialistas das metrópoles. Esta estrutura triádica (grande propriedade de terra, monocultura e trabalho escravo) impôs ao desenvolvimento econômico, político e social brasileiro o traço da dependência no decurso de sua existência (Júnior, 1953). Em nossos dias a estrutura midiática justifica e é o agente da produção dos bens simbólicos, agropecuários e manufaturados para a exportação. É por isso que toda a chamada cultura produzida pela mídia é uma expressão colonial, assim como a educação escolar é feita para atender aos interesses externos.

### **Sistema das capitanias - donatários e sesmarias**

<sup>4</sup>Na tentativa de eliminarmos as ambiguidades em nosso trabalho, temos de deixar claro que há uma separação conceitual entre cultura e indústria cultural. Utilizaremos no decorrer do artigo a definição de cultura proposta pelo marxista senegalês Samir Amin (a citação encontra-se no livro *Contracultura y Humanismo* de Ludovico Silva (2009)) que é a seguinte: Para nosotros, la cultura es el modo de organización de la utilización de los valores de uso (Silva, 2009, P. 4). Por isso usá-la-emos para contrapor com a chamada “cultura” produzida pela mídia, pois esta última se trata de mensajes comerciales y pseudoculturales que engendram no psiquismo humano eso que Marx llamaba "fetichismo" y que yo prefiero llamar "producción de plusvalía ideológica", que consiste en todo el excedente de energía psíquica que se pone al servicio del capital, transformada en verdadero "capital ideológico" del sistema, puesto al servicio del capital material (Silva, 2009, p.26).

Entender hoje o avanço significativo da comunicação de massa e a desigualdade social existente no país exige que voltemos ao nosso passado colonial. Desde seu descobrimento, em 1500, um dos recursos utilizados por Portugal para a extração e a defesa das riquezas na colônia, foi o sistema das capitanias. Em 1532, dando continuidade à política de centralização de seu pai, D. João III redige a primeira carta fornecendo amplos direitos ao seu capitão-mor Martin Afonso de Sousa (Calógeras, 2009). Autorizava-lhe ser dono das terras que descobrisse, além de direitos que iam desde organização econômica à administração (civil e militar) do que havia descoberto.

A partir de 1534, do norte ao sul, o litoral brasileiro foi dividido em grandes extensões de terras e estas foram doadas às figuras de relevância para o el'Rei (Calógeras, 2009). Estes por sua vez tinham a obrigação de desenvolvê-las com os seus próprios recursos, combatendo aos ataques ferrenhos dos ingleses, franceses e holandeses, dos povos nativos avessos à colonização de seu território. Não foi fácil a resolução do problema da colonização pelo sistema das capitanias. O donatário precisava de um investimento “inicialmente oneroso”, obrigando alguns donataristas a admitir sócios; “de fretar navios; de recrutar elementos os mais diversos; de deslocar materiais; de enfrentar um período de carência, enquanto não houvesse produção; de satisfazer, além de tudo, as exigências da Coroa” (Sodré, 1976, p. 67). Daí a necessidade de o donatário ceder algumas léguas de terras (sesmarias) para colonos (sócios) que tivessem condições materiais de defendê-las e explora-las. O latifúndio (grande extensão de terras, utilização da mão de obra escrava) tem a sua origem na sesmaria. É inegável a importância do regime de sesmarias na desigualdade de terras no Brasil e na sua organização política. A oligarquia (classe que se alia aos interesses externos promovendo o desenvolvimento dependente da colônia) dirige a economia açucareira e o regime fundiário das *plantations*, com a exorbitante monocultura da cana de açúcar, mão de obra escrava e o moinho de gastar gente, como escreveu Darcy Ribeiro (1995).

As capitanias atendem um objetivo específico: fixar populações ociosas, assegurando a defesa do território, para que assim concretize, sem impedimentos, as trocas com a metrópole. A empresa portuguesa da colonização ultramar, da qual o grande recurso foi o sistema das capitanias hereditárias, é indubitavelmente de coloração capitalista. Está contextualizada no capitalismo comercial, orientado politicamente por Portugal. Para o historiador Nelson Werneck Sodré (1976), a solução das capitanias consistia na transferência de amplos poderes aos donatários, mas não só os poderes, como também nasceram os primeiros privilégios de classe da sociedade brasileira. Segundo o pensador marxista, o mais importante para a empresa da donatária é o que conhecemos hoje, em economia moderna, por investimento.

## Nacionalismo trabalhista

É sabido que a corrente política que mais diretamente sofreu com o golpe de 64, o nacionalismo trabalhista de Getúlio Vargas, João Goulart, Leonel Brizola e Darcy Ribeiro esteve desde 1930 desprovido de veículos de comunicação midiática. A única exceção ocorreu com o jornal *A última hora* de Samuel Weiner, que apoiou Getúlio Vargas no segundo governo e teve um desfecho lamentável, combatido pelo jornalista Carlos Lacerda. Getúlio Vargas recebeu, na divulgação do seu programa político, apoio dos caminhões equipados com altofalantes, sendo esta a única forma com a qual pode contrapor os violentos ataques da mídia impressa e falada da época (1951).

A situação para João Goulart também não foi nada fácil, pois a imprensa tendo como principal justificativa o fantasma do comunismo, pedia a sua cabeça com intervenção militar. Os jornais *O Estado de São Paulo* e *O Globo*, entreguistas e porta-vozes do capital estrangeiro, se opuseram à posse legítima de Goulart, chegando o jornal paulista a aventar indevida intervenção das Forças Armadas. Nelson Werneck Sodré (1962), na descrição sobre o atrito entre o liberalismo e o trabalhismo, grafa que:

O aparelho de prevenção e de repressão a qualquer idéia que não coincide com os interesses da classe dominante cresceu e se especializou, passando, inclusive, a ser controlado pelo imperialismo. Até se transformar, nos dias que correm, nessa organizada e rendosa indústria do anticomunismo (SODRÉ, 1962, p.22).

Neste cenário conflituoso é que nasce no Rio Grande do Sul, sob a resistente organização política do governador Leonel Brizola, a Rede da Legalidade. A Rede da Legalidade com o arrimo da Rádio Guaíba funcionou no Palácio do Piratini, sede do governo gaúcho, informando a população sobre os planos da direita para impedir a posse de João Goulart. Nossa hipótese é a de que a partir deste acontecimento histórico, Leonel Brizola desperta a ira dos militares e dos empresários da comunicação midiática (subsidiados pelo capital estrangeiro), sendo o seu principal oponente durante toda a trajetória política, Roberto Marinho. O desfecho dessa história é do conhecimento de todos: o golpe militar-civil de 1964.

Montou-se em 1964 um sistema repressivo do medo, em que a tortura, a perseguição, o desaparecimento e a morte, foram metas cumpridas pelas oligarquias locais, incentivadas pelo grande capital internacional. Os diferentes segmentos da burguesia nacional se uniram ao capital externo com a política da superexploração dos trabalhadores, desnacionalização da eco-

nomia e aprofundamento da desigualdade social. Assim, as “forças políticas ligadas ao imperialismo, aos latifundiários e à alta burguesia realizara investimento gigantesco” (Sodré, 1962, p.26) contra a corrente política do nacionalismo trabalhista..

Conservou o latifúndio monocultor, beneficiou as grandes empresas multinacionais na exploração de terras novas, reafirmando as tradições coloniais de nossa burguesia. Sobre essa junção (burguesia nacional + metrópole colonialista) Werneck Sodré notifica que a discriminação contra nosso povo está “ligada ao colonialismo mais retrógrado e revela a presença de classes dominantes incompatibilizadas com as mais rudimentares formas de democracia”. O projeto de desenvolvimentismo modernizante e tecnológico da ditadura de 64 ainda hoje está subordinado ao imperialismo, “ao capital financeiro internacional, à formação de uma burguesia monopólica associada e à grande propriedade da terra” (Vasconcellos, 1997, p.22).

Antes mesmo de 1964 já estava delineada nos meios de comunicação de massa a contradição político-social entre o trabalhismo nacionalista e o liberalismo pró-norte-americano. Essa contradição é reveladora de como os meios de comunicação são reflexo do que ocorre na economia e na política do país. Com o golpe de 64 ficou evidente o caráter exasperante dessa contradição, pois quase na totalidade da mídia impressa e o pouco da TV que havia, deram o seu apoio aos golpistas. Para o pensador Régis Debray (1993, P. 250) “não basta colonizar militar e politicamente para que as idéias se imponham: ainda é preciso exportar os meios de comunicação de massa adaptados”.

O que é preciso não perder de vista é que os liberais da democracia divulgaram por esses órgãos de comunicação sua filosofia liberal, não impedindo a instalação do regime autoritário de atrocidades dos militares. Outra observação a ser feita é que, mesmo depois de 64, quando o regime torna-se mais antidemocrático (AI5 – Ato Institucional), esses meios de comunicação, embora constrangidos pela censura, são coniventes com o golpe. Também sabemos que depois de 64 houve um avanço efetivo dos meios de comunicação. O país passou a ser coberto em toda a sua extensão pela antena, fato esse que terá implicações políticos-culturais e educacionais. Convém lembrar o quanto Leonel Brizola e Darcy Ribeiro vociferaram contra o domínio televisivo e o déficit educacional nas crianças iletradas, afirmando que o povo brasileiro entrou em cheio na comunicação eletrônica sem haver previamente passado pela letra.

### **Conceito de mais-valia ideológica e cibercapitaniahereditária**

A palavra ideologia aparece muitas vezes deturpada, apartada de seu verdadeiro significado no cotidiano. É confundida com a visão de mundo de cada indivíduo, com o modo de vida, com o que pensa aquele ou este indivíduo sobre política, economia e sociedade. Para Karl Marx (2001), a ideologia tem um significado unívoco: ocultar (com exploração da força de trabalho e a extração da mais-valia) a produção de mercadorias do sistema capitalista. A alienação da força de trabalho cria o fetiche da mercadoria e esconde a verdade sobre o valor de uso das coisas (Silva, 2009). No capitalismo o que importa é a produção de mercadorias para as trocas, necessárias apenas para gerarem os lucros das empresas e não destinada a favorecerem as necessidades dos homens. As relações humanas neste sistema econômico aparecem mistificadas. A vida fantasiosa aparece na ocultação do motor da história (luta de classes), produzindo o esquecimento típico da coisificação da vida social. Essa é a função da ideologia na sociedade. Para não incorremos no uso equivocado do conceito de ideologia, utilizaremos o estudo da mais-valia ideológica, feito pelo venezuelano Ludovico Silva (2013), esclarecedor e complementar a análise de Karl Marx.

É magnífico o livro do poeta e filósofo marxista Luis José Silva Michelena. Os seus alunos de filosofia deram-lhe o nome de Ludovico Silva. Primeiro pela escolha do tema (mais-valia ideológica), que contém os paradigmas para a compreensão da sociedade capitalista contemporânea. Em seguida, a clareza com que expressa seu pensamento, a abordagem histórica que situa o leitor na emaranhada e complexa teoria marxista.

O ponto de partida da obra é a ideologia e sua semântica no decorrer da história. Ludovico Silva faz uma distinção entre ideologia e ciência, que será o ponto chave para o estudo da teoria da ideologia. Num primeiro momento esclarece o uso corriqueiro e trivial, “polissemia semântica”, que a palavra ideologia sofreu (Silva, 2013, P.10). Investiga a história filológica do termo, passando por Francis Bacon que descreveu sobre os *idola* ou ídolos, ou seja, os deturpadores do caminho para se chegar à verdade. Segundo o filósofo citado, a crítica do pensamento medieval feita por Bacon é semelhante a que Marx fez em *A ideologia alemã* (Silva, 2013).

Quem criou o vocábulo ideologia no período da Revolução Francesa foi Destutt de Tracy (1802), fazendo referência a uma ciência das ideias. Tracy acreditava que as ideias eram como “objetos observáveis na cabeça” e dá um significado depreciativo para o termo. Ludovico Silva (2013) esclarece que Tracy seria mais feliz na criação do conceito (ideologia), se ao invés de fazer a ciência das ideias, fizesse a ciência dos ídolos (idolatria). Napoleão Bonaparte entendeu perfeitamente o vocábulo. De ideólogos chamava os membros do *Institut*

*National*, dentre os quais estava Destutt de Tracy (Silva, 2013). Bonaparte possuía plena consciência de que a ideologia é algo real e concreto.

Karl Marx em seu livro *A ideologia alemã* (2001) afirma que é próprio dos ideólogos (filósofos e historiadores alemães) explicarem a história pelas ideias, e não as ideias pela história. Nesta babel de vocábulos impróprios é que nasce a palavra ideologia, “tormentosamente como um sementeiro de equívocos”, no estilo de Ludovico (Silva, 2013, p. 08). O entendimento deste vocábulo para o venezuelano será a partir do sentido unívoco que deram Marx e Engels ao conceito: sistema de crenças e valores que falseia a realidade, a falsa consciência que encobre e deturpa os antagonismos de classe.

Hoje o que se propaga erroneamente é que cada indivíduo possui uma ideologia de vida. Emite suas próprias opiniões e confunde estas opiniões com uma ideologia individual. A opinião pública está baseada na ideologia, “brota dela como uma secreção espontânea” com “respostas mecânicas” que constituem o acervo ideológico individual (Silva, 2013, p.32). A ideologia atua sobre as condições materiais de existência, de forma a confundir o caminho da teoria que clareia a realidade. Ainda, segundo o marxista venezuelano (Silva, 2013, p. 36), o elemento fundamental da ideologia é o mascaramento que se produz “às costas da consciência do operário”, alienando o seu trabalho com a produção de mais-valia psíquica. Não só a do operário, mas de todas as classes depois do surgimento da televisão em 1945. A respeito disso, vejamos o que escreveu o midiólogo Régis Debray (1993, p.232): “(...) a TV leva – tanto ao camponês, como ao burguês – a mesma visão do mundo exterior, o mesmo acesso às personalidades da alta sociedade”. Para isso, ela conta com ajuda da indústria na destruição permanente da cultura, produzindo a amnésia cultural, pois:

A indústria é um acelerador de obsolescência e a cultura uma salvaguarda de permanência. (...) A indústria destrói o que a cultura deve estocar. A primeira só pode viver fabricando o que é perecível e a outra arrancando o tempo que resta ao tempo que passa. (Debray, 1993, p.228).

Ludovico está preocupado com o “tempo livre” na sociedade periférica e subdesenvolvida (trabalhador, lumpesinato, crianças, donas de casa e idosos) e a sua expropriação pela classe dominante local e pelos países centrais do capitalismo. Esse tempo é preenchido por imagens das mercadorias. Para existir hoje nos países subdesenvolvidos a exploração da mais-valia material, é necessário que haja uma mais-valia imaterial, que prolonga a jornada de trabalho dos operários nos anúncios consumistas. O filósofo estava preocupado com a massa marginalizada, possuidora de “tempo livre”, não por privilégios de classe na divisão social do trabalho, mas por não conseguir emprego, saturando os centros urbanos e aumentando a vio-



lência. Neste ponto podemos associar a preocupação intelectual do insigne escritor com as diretrizes políticas de Leonel Brizola e Darcy Ribeiro, este, aliás, conheceu e foi amigo de Ludovico Silva em Caracas.

Neste contexto, o projeto educacional dos CIEPS (Centros Integrados de Educação Pública) no Rio de Janeiro sempre esteve de olho nas crianças filhos de pais desempregados ou subempregados, menores abandonados e, principalmente mães solteiras que compõem a maioria das mães no Brasil. Darcy Ribeiro escreveu várias vezes que em nosso país, submetido pelo colonialismo, tem que dar atenção redobrada às chamadas classes perigosas<sup>5</sup>. Quanto maior o número de indivíduos desocupados ou subocupados que se avolumam nas cidades, maiores são os índices de criminalidade, cresce ao extremo as forças repressoras, ou seja, pobre matando pobre. Por isso é que os CIEPS de Brizola e Darcy foram construídos. Ocuparam o território carioca com educação, saúde e alimentação, diferente das milícias hodiernas, estas preocupadas apenas com a extorsão e o fuzilamento do povo.

Para existir a reprodução material do sistema capitalista (produção de mercadorias), é preciso que haja uma ideologia que justifique idealmente tal sistema e mascare a relação entre exploradores e explorados. Os colonizadores precisam convencer a todos que este sistema perverso de exploração da força de trabalho “es no sólo el mejor sino el inevitable, el necesario, el fatal” (Silva, 2009, p.11). Por isso são criados os aparatos do Estado (igreja, escola, rádio, tevê, jornal) que justificam e encobrem ideologicamente a realidade social objetiva. O sistema de instrução e educação nos países subdesenvolvidos é de caráter exógeno, feitos para criarem “una imagen del mundo que no se saliese de los marcos de la "cultura occidental" y que, por tanto, justificase todo lo que en nombre de esa cultura se hiciese” (Silva, 2009, p.12). Os países subdesenvolvidos reproduzem em nome desta cultura e civilização imperiais, tendo por porta-vozes os nossos padres, educadores e âncoras midiáticos, a “depredación del Nuevo Mundo y la constitución en él de un mecanismo de producción material controlado y usufructuado por las clases dominantes de los países colonizadores” (Silva, 2009, p. 12).

Os meios eletrônicos de comunicação, segundo Ludovico Silva, transportam bens materiais: ideias, imagens e mensagens, diferente do navio, do trem, do avião, do caminhão que são transportadores de riquezas materiais (Silva, 2009). A TV comunica valores de troca e opera com manipulação no inconsciente, a começar pela formação dos estereótipos na crian-

<sup>5</sup> Esse “resíduo da superpopulação relativa”, constituído pelos que, nas palavras de Marx, “habitam o inferno do pauperismo” e que, na Inglaterra dos meados do século XIX, integrava as chamadas classes perigosas, reúne os desempregados ou subempregados caídos na mais completa miséria, os ex-trabalhadores tornados fisicamente incapazes, os menores abandonados, os mendigos e os que, levados ao máximo do desespero, se entregam à prática de toda a sorte de delitos anti-sociais. (Guimarães, 1989, p.260).

çada que assiste horas a fio da programação de TV antes mesmo de frequentarem a escola. A TV num país de estrutura social subdesenvolvida e dependente é uma agência sucursal de interesses estrangeiros. A isso, acrescenta-se que “o audiovisual democrático de nossos dias não mundializa os auditórios nacionais; ele os americaniza (o que não é exatamente a mesma coisa)”. Noutras palavras, “mundializa o modelo americano de democracia”. (Debray, 1993, p.234). Basta recorrer à história para percebemos que nossa identidade foi construída pelos catequizadores europeus que viam os trópicos como bruto e indevassável, o homem que aqui existia (incivilizado) era hostil e mesquinho, enfim um “bárbaro sem entranhas e sentimentos puros” (Calógeras, 2009, p.46). Hoje é só ligar um aparelho de TV, abrir uma revista, um jornal ou acessar a internet para perceber que não mudou em nada a natureza estereotipada da civilização brasileira. Os interesses da *videosesmaria*<sup>6</sup> fazem defesa do latifúndio e dos interesses privados.

Subserviência total aos interesses econômicos dos países centrais é a palavra de ordem dos empresários da comunicação midiática no Brasil. São destinados a reproduzirem mentiras para os indivíduos, mostrando o quanto é vantajoso o “domínio económico de centros o metrópolis desarrollados, cultos y dueños de la técnica, sobre periferias menos desarrolladas, menos cultas y carentes de técnicas” (Silva, 2009, p. 9). O telespectador é um explorado, mas possui a ideologia do explorador. Trata-se de um dominado produto fabricado pelo esquema dominante. A televisão não é senão um telefetichismo que, como dizia Karl Marx (2001), personifica a coisa e coisifica a pessoa. A TV está se tornando uma espécie de mercadoria equivalente geral, semelhante ao dinheiro, equivalente geral nas trocas capitalista. O pensador latino-americano nos diz: “A televisão não é um fetiche não somente por ser ela mesma uma mercadoria; é um superfetiche, posto que ela nos fala todo o dia, e não nos fala de qualquer coisa, mas sim de mercadorias” (Silva, 2013, p.32).

A mais-valia ideológica da TV se acopla à alienação religiosa, não excluindo o fato de religiosos serem donos dos veículos de transmissão. Assim como a “encarnação foi, em seu fundo, uma decisão política codificada em linguagem teológica”, a comunicação de massa é o reduto do interesse privatista, codificado na linguagem do audiovisual (Debray, 1993, p.120). Régis Debray está interessado em sua análise midiológica na mediação feita pela Igreja, de

<sup>6</sup> *Videosesmaria* é um hibridismo linguístico para designar a comunicação de massa nos moldes da antiga estrutura fundiária (sesmarias), pela qual se deu os fundamentos da colonização no Brasil. Os grupos regionais retransmissores, em sua maioria, são afiliados da Globo na transmissão de sua programação. Esses grupos assemelham-se aos potentados rurais (fazendeiros) do monopólio da terra. A respeito disso, vejamos o que escreveu (Gorgen, 2009, P. 116): os grupos regionais líderes de mercado, muitas vezes controlados por políticos com mandato, operam redes nacionais de rádio e/ou televisão e possuem influência sobre uma variada gama de serviços e produtos que vai da TV ao jornal, do rádio à TV por assinatura.

como o verbo se transforma em carne. Como as palavras, “a eficácia simbólica” (Debray, 1993, p.120) opera sobre as bases materiais da sociedade. Para este mesmo autor:

A confiança na onipotência das palavras representa, talvez, uma versão autorizada da mentalidade mágica, dinheiro miúdo da onipotência perdida dos feiticeiros, uma garantia consoladora outorgada pela humanidade civilizada, com um piscar de olhos trocista, a seus sacrossantos pastores que, sozinhos, no alto, sobre a montanha, decifram os astros por sua conta e risco (Debray, 1993, p.172).

Os apresentadores de TV falam muito depressa, tal quais os economistas quando querem nos enganar. Ludovico Silva (2009) afirma que não há imagem propriamente dita na televisão, que ela não é igual ao teatro ou ao cinema. Por possuir barulho incessante, por acender as luzes durante o dia e não cessar as cortinas durante a noite, a televisão motivou o oxímoro de Theodor Adorno: um sono com insônia, tema central de outro livro do venezuelano *El sueño insomne: ideas sobre televisión, subdesarrollo y ideologia* (Silva, 2009).

A mais-valia ideológica convence os telespectadores de que o capital estrangeiro é a mola propulsora do desenvolvimento nacional, sem a qual não seria possível o desenvolvimento autônomo do país. O capital multinacional vai se tornando proprietário do sistema de comunicação. O capitalismo videofinanceiro, em *o Príncipe da moeda* (1997) é o domínio absoluto do capital estrangeiro na economia local do qual depende a indústria ideológica das comunicações. A televisão está condenada a fazer a apologia dos investimentos diretos estrangeiros como o caminho da superação do atraso do subdesenvolvimento, tendo como panaceia a importação tecnológica e a transferência de tecnologia. Não é de se estranhar que a maior parte dos veículos de comunicação midiática está nas mãos da família Marinho, combatente feroz de Leonel Brizola e Darcy Ribeiro. O império midiático e a monopolização das telecomunicações pela Rede Globo se desenvolveram extraordinariamente depois do golpe militar de 64, com o apoio do marechal Castelo Branco na outorga de concessão do canal em 1965. Os estudos detectaram os seguintes aspectos:

Roberto Marinho não foi só o maior beneficiado, mas também o principal impulsionador da política de afiliação da rede 41, que até hoje funciona praticamente nos mesmos moldes:

- (1) a Globo fornece a programação de graça, mas exige a manutenção do padrão de qualidade da Central Globo de Produções;
- (2) através da Central Globo de Comercialização, a Globo vende os anúncios de suas afiliadas no mercado nacional, ficando com 50% desse faturamento para si. À afiliada cabe com exclusividade a comercialização do seu mercado regional. A famosa novela das 6 desencadeia as duas principais funções do badalado gênero:

1) unificar, afinal, a programação da rede, à custa da expectativa que mantém na sua alta audiência;

2) abrir a possibilidade de comercializar, em toda a rede, não só os 60 minutos disponíveis por lei nas próximas 5 horas – como também explorar, através do expediente do merchandising, mais os 140 minutos que duram as quatro novelas. É desse horário nobre que sai, então, o grosso do faturamento global, 85% de sua renda bruta, de seu PNB (Gorgen, 2009, p. 71).

Este império das comunicações com concentração de renda e propriedade no ciberespaço, similar à estrutura agrária latifundiária, criada com as sesmarias nas capitâneas hereditárias, possibilita o controle político por lideranças locais apoiadas pelos grandes empresários da mídia e favoráveis ao regime de desigualdade existente no país. Estudiosos da área da comunicação social denominaram este novo tipo de política de coronelismo eletrônico<sup>7</sup>, por se tratar de uma moeda básica de troca tal como outrora era o chamado voto de cabresto exercido pelo coronel latifundiário. Segundo os pesquisadores, desde os anos 90 até os dias de hoje,

O que se configurou de maneira acentuada foi o movimento ascendente de concentração da mídia nacional e a conseqüente redução drástica de grupos (em sua maioria, empresas familiares) no controle dos principais veículos de comunicação do país. Algo em torno de nove grupos familiares controlavam a grande mídia no decorrer da última década: Abravanel (SBT), Bloch (Manchete), Civita (Editora Abril), Frias (Folha de S. Paulo), Levy (Gazeta Mercantil), Marinho (Organizações Globo), Mesquita (O Estado de S. Paulo), Nascimento Brito (Jornal do Brasil) e Saad (Rede Bandeirantes). (Junior, 2012, p.2).

Por conta dessa concentração de renda e da propriedade dos veículos de comunicação midiática nas mãos de determinadas famílias, nos propomos a chamar essa nova configuração do ciberespaço de *cibercapitaniahereditária*. Trata-se de um neologismo que retoma o século XVI (capitâneas hereditárias) para explicar o domínio, por reduzido número de indivíduos, da informação. Tal como o sistema de capitâneas em 1534, a estrutura vigente da comunicação midiática no Brasil possui privilégios e regalias como os de outrora. Os donatários, principais investidores, precisavam repartir suas grandes extensões de terra com aqueles que possuíssem condições materiais para as administrarem e desenvolverem, por isso contaram com o apoio dos sócios, os sesmeiros. Na empresa da comunicação midiática as famílias que formam os grandes grupos financeiros necessitam também dos seus sócios, e assim constituem-se os conglomerados<sup>8</sup>. Os comparsas (grupos regionais - retransmissoras) são formados na maioria

<sup>7</sup>Os estudos que tratam da questão do coronelismo digital podem ser encontrados no site “Donos da Mídia” em: <http://www.donosdamidia.com.br/>.

<sup>8</sup>A maior parte das redes pertence aos principais conglomerados nacionais privados ou as igrejas católicas, evangélicas e neopentecostais. De uma forma geral, os maiores *players* controlam simultaneamente uma rede de TV, uma de rádio AM e outra de rádio FM. Este é o caso, por exemplo, das Organizações Globo (RJ) e do Grupo Bandeirantes (SP). Ou de grupos religiosos como o Sistema Adventista de Comunicação (SP). Ao dominar a

das vezes por políticos com mandato. O que percebemos nos estudos sobre o desenvolvimento da comunicação eletrônica é que o latifúndio da terra também o é hoje no campo comunicacional: a sesmaria se converte em *videosesmaria* e as retransmissoras fazem parte dos latifúndios digitais privilegiados.

### Considerações finais

Acreditamos que este tema trouxe a lume alguns elementos relevantes à compreensão do atual momento histórico e que estamos diante de uma exorbitante expansão da comunicação midiática no Brasil. O fato irretorquível é a superconcentração do poder nas mãos de exíguos grupos familiares na área da comunicação. A análise sobre a concentração desta estrutura se deu por meio da investigação dos trabalhos anteriormente realizados na área. Apesar do grande avanço nas pesquisas ainda há alguns estudos a serem realizados, a saber, os da recepção das informações. Este artigo reveste-se de perfil teórico e prático, pois estamos presenciando uma inter-relação entre a violência simbólica e a violência física na sociedade brasileira contemporânea. Nossas crianças e adolescentes estão se tornando cada vez mais objeto de manipulação dos proprietários monopolistas do espaço cibernético. Julgamos que o nosso papel de educador não deve ficar restrito apenas nas salas de aula.

Temos a todo o momento de militar em prol das informações livres dos dogmas da classe dirigente, de suas violências e de sua coerção pelo medo. Esperamos que o nosso ponto de partida possa lançar luz à configuração e ao tamanho desse mercado da comunicação no país, abrindo horizontes para professores e alunos na busca do verdadeiro saber.

### Referências

CALÓGERAS, João Pandiá. **Formação Histórica do Brasil**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2009.

DEBRAY, Régis. **Curso de Midiologia Geral**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

---

produção, a distribuição e a diversificação de seus conteúdos para os mais variados tipos de mídia, os conglomerados influenciam comercialmente mesmo aqueles mercados oligopolizados, onde atuam com o apoio de um sócio regional. (Gorgen, 2009, p. 86).

GORGEN, James. **Sistema central de mídia**: proposta de um modelo sobre os conglomerados de comunicação no Brasil. 2009. 141 p. Dissertação de Mestrado em Comunicação e Informação – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

GUIMARÃES, Alberto Passos. As classes perigosas. In: GUIMARÃES, Alberto Passos. **A crise agrária**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

JÚNIOR, Caio Prado. **Formação do Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1953.

JUNIOR, Vilson Vieira. **Oligopólio na comunicação**: um Brasil de poucos. Observatório do direito à comunicação. Brasília: 2012. Nº de páginas: 05. Disponível em: [http://www.direitoacomunicacao.org.br/index2.php?option=com\\_docman&task=doc\\_view&gid=342&Itemid=99999999](http://www.direitoacomunicacao.org.br/index2.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=342&Itemid=99999999). Acesso em: 18/01/2015.

LIMA, Venício Artur de; LOPES, Cristiano Aguiar. **Coronelismo eletrônico de novo tipo (1999-2004)**: As autorizações de emissoras como moeda de barganha política. Edição: 439. Observatório da Imprensa. São Paulo: 2007. Disponível em: [http://www.observatoriodaimprensa.com.br/download/Coronelismo\\_eletronico\\_de\\_novo\\_tipo.pdf](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/download/Coronelismo_eletronico_de_novo_tipo.pdf). Acesso em: 13/12/2014.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Martins Fonte, 2001. Tradução: Luis Claudio de Castro e Costa.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SILVA, Ludovico. **A Mais-Valia Ideológica**. Florianópolis: Insular, 2013. Tradução: Maria Ceci Misoczwy.

\_\_\_\_\_. **El sueño insomne**: ideas sobre televisión, subdesarrollo y ideología. Caracas: Fundación Editorial El perro e la rana, 2009.

\_\_\_\_\_. **Contracultura y humanismo**. Caracas: Amanuense; Omegalfa biblioteca libre, 2009. Número de páginas: 104. Disponível em:

[http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CCEQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.omegalfa.es%2Fdownloadfile.php%3Ffile%3Dlibros%2Fcultura.y.humanismo.pdf&ei=bND5VM26FcTHsQS4-4LQDQ&usg=AFQjCNGzrgnANOXn7j3vA\\_ZDcTT8Ebsz\\_g&bvm=bv.87611401,d.cWc](http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CCEQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.omegalfa.es%2Fdownloadfile.php%3Ffile%3Dlibros%2Fcultura.y.humanismo.pdf&ei=bND5VM26FcTHsQS4-4LQDQ&usg=AFQjCNGzrgnANOXn7j3vA_ZDcTT8Ebsz_g&bvm=bv.87611401,d.cWc)

Acesso em: 14/06/2014.

SODRÉ, Nelson Werneck. **A Formação Histórica do Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

\_\_\_\_\_. **Quem é o povo no Brasil?** Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1962.

Digitalização de Cadernos do Povo Brasileiro – 2 [Exemplar N° 2113]. Disponível em:

[www.ebooksbrasil.org/elibris/povonobrasil.html](http://www.ebooksbrasil.org/elibris/povonobrasil.html). Acesso em: 13/12/2014.

VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. **O Príncipe da Moeda**. Rio de Janeiro: Espaço e tempo, 1997.